



Clientes mais exigentes querem produtos inovadores e seguros

A certificação e a inspeção são, em muitos casos, voluntárias. Mas o que é certo é que ajudam a vender, e ainda ajudam a sustentabilidade económica, ambiental e social

LUÍS NEVES FRANCO
 espiral@sol.pt

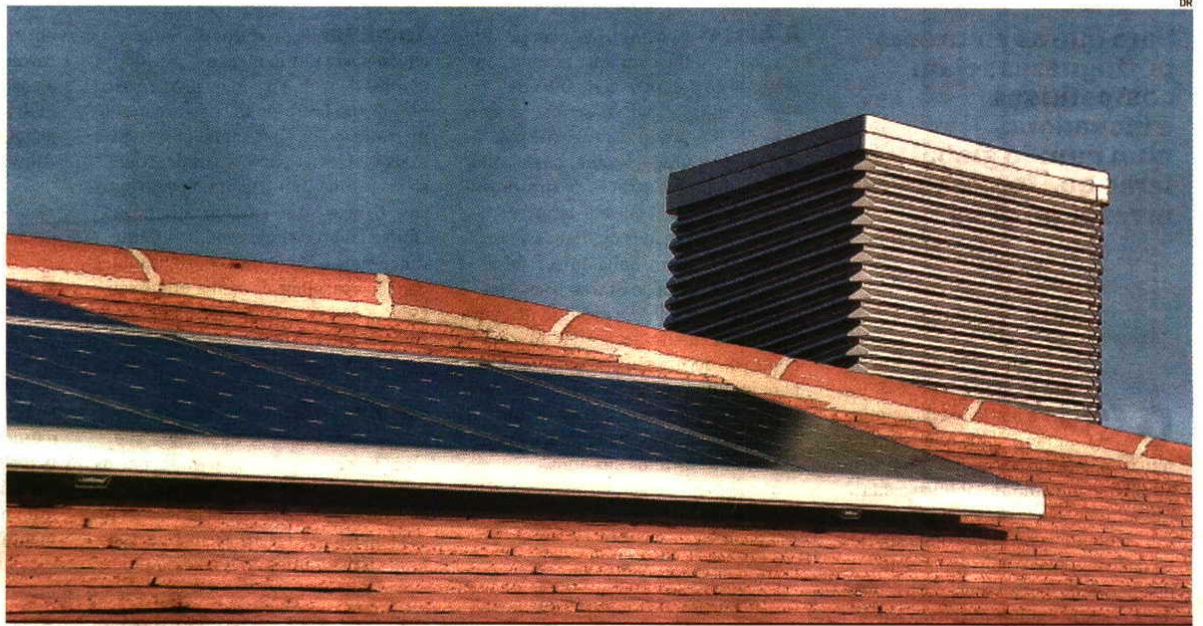
NUMA encomenda vinham painéis fotovoltaicos feitos de cartão. Noutra, de cinco mil painéis de 240V, as etiquetas diziam 220V. A resposta do fornecedor não podia ser mais equívoca: «O problema não foi uma troca de painéis, mas das etiquetas. Amanhã segue uma caixa de etiquetas de 240V». Estes casos podem parecer fruto da invenção de uma mente pessimista e desconfiada, mas vários semelhantes aconteceram em Espanha durante o boom da criação de centrais de energia solar. Muitos foram também os casos de painéis sem a capacidade prometida, ou que avariaram ao fim de dois ou três anos, em vez dos 20 normalmente previstos para uma instalação fotovoltaica.

O mundo está num ponto de viragem. Os consumidores estão mais exigentes do que nunca e as empresas têm que fazer face a esta exigência com inovação, preço e qualidade. O preço é algo objectivo, sendo fácil de comparar entre os produtos alternativos que existem no mercado. Mas, por outro lado, como se compara qualidade? Para ter qualidade é necessário que um produto ou serviço sejam mais eficientes do que os concorrentes, satisfazendo melhor e de forma mais eficiente as necessidades e desejos dos utilizadores.

Repensar negócios

A maior exigência dos consumidores é acompanhada por uma necessidade de repensar o modo de fazer negócio. Segundo o último relatório do World Business Council for Sustainable Development (WBCSD), daqui a 40 anos serão precisos 2,3 planetas para satisfazer as necessidades e vontades da crescente população mundial.

«O projecto *Visão 2050* expõe os desafios, o caminho e as opções que as empresas podem utilizar para criarem uma estratégia oportuna, tanto regional como globalmente, que as conduza a um mundo sustentável», diz no documento Mohammad A. Zaldi, da Alcoa.



Painéis solares são expostos a condições adversas e daí a importância dos testes de certificação da sua qualidade

A LUPA

Vida útil
 Painéis solares têm, em média, um 'prazo de validade' de 20 anos

Testes
 Simulam, em 30 dias, as condições que os painéis vão enfrentar em 25 anos

Resultados
 Em média, 30% dos painéis solares 'chumbam' nos testes da TÜV

Para criar um mundo em que, «em 2050, nove mil milhões de pessoas vivem bem, dentro dos limites de um Planeta», o WBCSD defende que é necessário alterar profundamente a forma como se trabalha. Assim, um dos pontos fundamentais deste documento é exactamente a necessidade de garantir produtos mais inovadores, seguros e eficientes.

Na maior parte dos casos, a solução passa por recorrer a uma entidade externa que teste, cer-

tifique e inspecione os produtos e a sua instalação. Por outro lado, para as empresas «que querem, ou são obrigadas, a proteger o ambiente e as pessoas, bem como a combinar isso com desenvolvimento tecnológico» os testes laboratoriais aos seus produtos são uma boa ferramenta.

Esta é a convicção de Thomas Biedermann, director executivo da TÜV Rheinland para a Europa Ocidental. «Nos últimos 150 anos houve muito desenvolvimento tecnológico e há sempre riscos, questões de segurança, e esta foi a razão por que a TÜV foi fundada, pelo governo federal alemão, em 1872». Na altura, muitas caldeiras a vapor começaram a ter problemas, chegando a explodir e ferindo quem estivesse perto. Estes acontecimentos obrigaram à criação de uma entidade, na altura pública, que inspecionasse e certificasse os produtos.

'Testes' de stresse

Normalmente, os painéis fotovoltaicos têm um 'prazo de validade' de cerca de 20 anos. Como se testa se duram mesmo esse prazo, sem ter que esperar 20 anos para os poder comercializar, isto se o primeiro teste der 'positivo'? Em caso de 'chumbo'

nos testes, isso significaria outros 20 anos. Contudo, nos laboratórios da TÜV Rheinland é possível acelerar o processo de degradação dos painéis.

Depois de passar por diversas câmaras que simulam o desgaste provocado pelo vento, chuva, sol, granizo, neve e até a queda de um martelo, os painéis 'viveram' 20 a 25 anos em apenas 30 dias. Este processo é possível graças à aceleração dos fenómenos a que o painel estaria sujeito caso estivesse colocado no exterior.

Por outro lado, para além da durabilidade dos equipamentos, este laboratório, que o SOL visitou, testa também a capacidade de produção de energia. Um dos testes procura o ponto em que a produção estabiliza. Ou seja, quando colocamos um painel, a capacidade de produção começa logo a diminuir, até que chega a um ponto em que esta desce para, fixando-se no que realmente é capaz de gerar em condições 'normais'.

A média de 'chumbos' nos testes da TÜV é de 30% dos painéis. Um número que mostra a dureza das provas e que dá alguma garantia aos investidores de que os restantes 70% poderão ser uma boa aposta. Por outro lado, os relatórios dos testes permitem aos fabricantes aperfeiçoar

os seus produtos, quer os que foram 'chumbados', para os tornar seguros e rentáveis, quer para os 'sobreviventes' se tornarem ainda melhores.

Mundo melhor

Os painéis solares são apenas um produto (que está na moda), mas este sistema serve de exemplo para a forma como as empresas devem trabalhar e relacionar-se com os clientes. Para garantir a sustentabilidade do Mundo é necessário que os produtos sejam eficientes, o que significa satisfazer as necessidades e vontades dos consumidores com o menor custo e a maior duração possível, bem como utilizar os materiais com o menor impacto ambiental e social.

A este nível, para além de acreditar na palavra das empresas, é possível e desejável que se possa acreditar no 'carimbo' dos produtos. Desta forma, os consumidores saem mais satisfeitos, as empresas que souberem adaptar-se ganham dinheiro, e é mais fácil garantir que o Planeta chegará para suprir as necessidades da população.